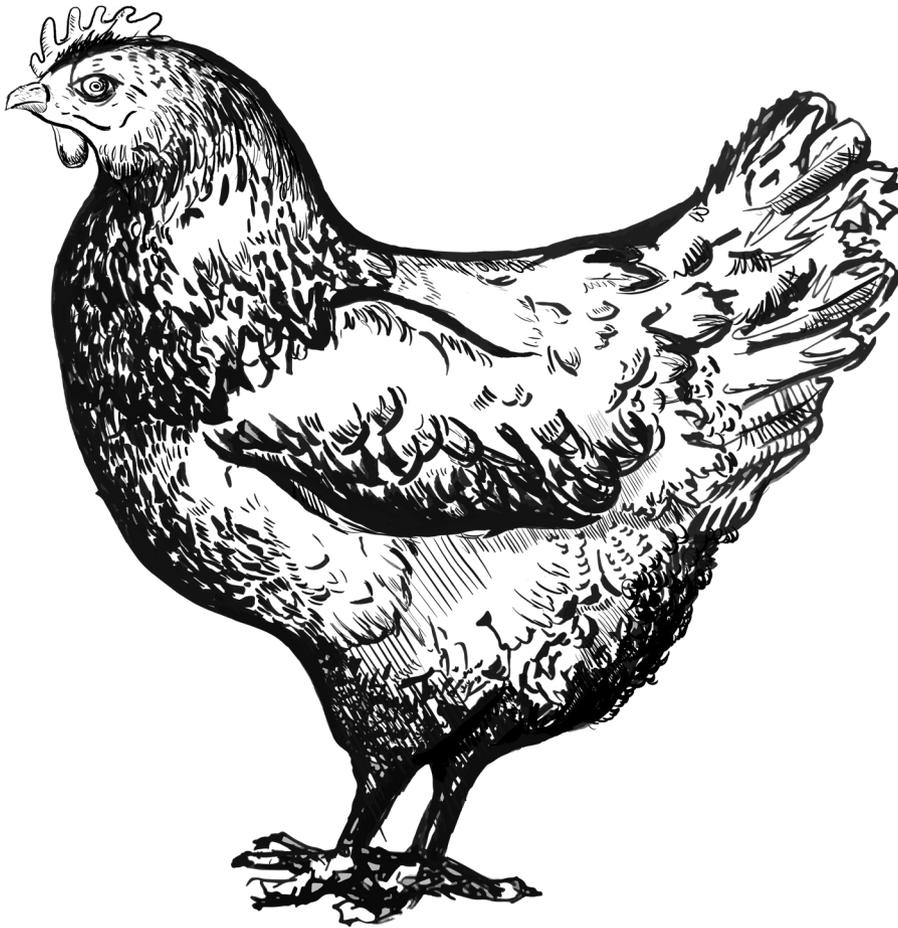


ENTREVISTAS



**Decolonizar a educação
em arquitetura,
superando capital,
raça e género ¹
com generosidade**

Entrevista com Lesley Lokko

Diretora do African Future Institute, Acra, Gana
e Professora Visitante na Escola de Arquitetura
Bartlett, University College London

Quem entrevista:

Céline Veríssimo

¡DALE! / UFBA, MALOCA / UNILA,
PPGPPD e CAU / UNILA, DAMG / UPT

*Entrevista e tradução (PT europeu)
Harlem, Nova Iorque, Fevereiro 2020*



LESLEY LOKKO

Lesley Naa Norle Lokko é uma arquiteta Ganesa-Escocesa com carreira mundial como docente e também na chefia de escolas de arquitetura, nomeadamente nas cidades de Chicago, Cidade do Cabo, Joanesburgo, Sidney, Londres, Accra, Edimburgo e Nova Iorque. Organizadora do livro *White Papers, Black Marks: Race, Culture, Architecture* (University of Minnesota Press, 2000), Lokko tem se dedicado às questões de cultura, raça e espaço, além de também ser romancista contando com mais de vinte livros mais-vendidos e traduzidos em quinze línguas. Lesley Lokko fundou e dirigiu a Escola de Arquitetura de Joanesburgo (2014-2019), e, recentemente, o African Future Institute (AFI) uma escola de pós-graduação em arquitetura e plataforma de eventos públicos, em 2020, em Accra, sendo também fundadora e diretora da revista *FOLIO: Journal of Contemporary African Architecture*, publicado pelo AFI, e co-fundadora do *UN-Habitat Council on Urban Initiatives*. Ela tem sido amplamente homenageada, como há pouco tempo atrás, com o prémio RIBA Annie Spink pela Excelência na Educação 2020 e, o prémio AR Ada Louise Huxtable por Contribuições em Arquitetura 2021. Num domingo frio de Fevereiro de 2020, recém chegada ao Harlem, como diretora da Escola de Arquitetura Bernard & Anne Spitzer da Universidade da Cidade de Nova Iorque (CCNY), Lesley recebeu-me para um animado café juntas. Entre risadas e indagações, Lesley partilhou tanto preocupações sobre a pressão do racismo e do patriarcado, que foram premonitórias dos motivos que a levariam, meses depois, a abandonar o cargo alegando “falta de respeito e empatia para com mulheres negras” e “um ato vital de auto-preservação”. Acima de tudo, Lesley falou-me das vitórias, alegrias e sonhos com a vitalidade e entusiasmo característicos da mulher visionária e destemida que é, cujo conteúdo descrito nesta entrevista irá certamente inspirar mais pessoas, como a mim, com muita esperança no futuro, apesar dos tempos turbulentos e obscuros em que nos encontramos. Em Dezembro de 2021, foi nomeada curadora da 18ª Exposição Internacional de Arquitetura - a famosa e prestigiada Bienal de Veneza (Maio a Novembro de 2023), tornando-se, só agora, em pleno séc. XXI, a primeira pessoa negra e a terceira mulher a liderar a curadoria na história do evento, demonstrando o quão o colonialismo está entranhado na nossa sociedade. Ao refletirmos também sobre o prémio Pritzker 2022 ao arquiteto Diébédo Francis Kéré de Burkina Faso, estaremos perante um momento de descolonização para “a emergência de uma nova ordem mundial” nas palavras de Lesley, ou mais um fenómeno de moda, desta vez, voltado para África?



Gostaria que nos falasse um pouco sobre como a sua trajetória multifacetada e internacional a conduziu, recentemente, de Joanesburgo até o Harlem, em Nova Iorque, como diretora da Spitzer Architectural School. Como veio aqui parar?

Então, eu criei a Escola de Arquitetura em Joanesburgo, há cerca de cinco anos atrás. Estive fora da academia por cerca de doze anos, a escrever livros de ficção, mas de vez em quando, eu dava uma palestra, algo a ver com minha vida anterior. Em 2008, eu estava numa conferência na Holanda, onde Edgar Pieterse e algumas outras pessoas também estavam. Era uma conferência sobre as perspectivas africanas da arquitetura ou o que quer que seja entendido por isso, e eu conheci alguém lá, que era chefe de departamento da Escola de Arquitetura, em Joanesburgo. Eu não tinha em mente, na época, voltar para a academia, porque me dedicava a escrever. Mais tarde, em 2013, fui convidada para compor um júri de mestrado em arquitetura, mas tinha apenas oito estudantes. Lembro-me de ter pensado: interessante que aqui, no extremo sul da África, estão a fazer projetos de arquitetura que a Europa parou de fazer há cinquenta anos atrás. Nem sequer era antiquado, era de alguma forma irrelevante, a forma como pensavam e falavam de arquitetura. Quando voltei para Londres, cerca de três semanas depois, essa mesma pessoa me enviou um e-mail e disse: "Olha, temos um cargo de professor associado a chegar. Conhece alguém nas suas redes que estivesse interessado?", e pensei sobre isso por cerca de cinco minutos: "Ah! Estou meio que interessada." Candidatei-me, viajei para a entrevista e consegui o emprego. Mas o trabalho estava muito mal definido, era para montar um *think tank* para pensar as cidades africanas. Quando cheguei lá, percebi que essa escola não tinha capacidade para iniciar um *think tank*. Durante a entrevista, percebi que eles realmente não sabiam bem o que queriam e, portanto, era uma oportunidade

LAJE

n. 1

p. 36-59

2022

ISSN: 2965-4904

para começar algo. Comecei então o programa de mestrado mudando o sistema de unidades curriculares, a partir do que eu conhecia da Bartlett². Passámos de onze para cinquenta e dois alunos, do dia para a noite. Assim que anunciámos que se tratava de um novo programa curricular, tivemos um grande aumento de candidatos. Então, naquele primeiro ano, percebi: "Ok, há vontade para fazer algo diferente, mas a escola ainda não tem toda a infraestrutura." Enfim, para encurtar a história, demorei dois anos para formar a Faculdade de Arquitetura, como uma escola separada do resto da universidade, como uma espécie de escola de arquitetura semi-autónoma. Dirigi aquela escola por mais quatro anos e fui, diria eu, muito bem-sucedida. Eu era a única contratada com dedicação exclusiva e tínhamos uma equipa docente fantástica, mas, contratada a tempo parcial.

Os professores não conseguiam conceber uma nova forma de pensar a arquitetura. Então, por muito tempo, foi bastante antagónico, particularmente a relação da escola com a cidade em geral. Quero dizer, estou interessada em política, em informalidade e tudo isso, mas, na verdade, estou mais interessada na imaginação. Então, para mim, a faculdade foi uma forma de ensiná-los a pensar diferente. Porque uma vez que eles sejam capazes de pensar de forma diferente, poderão pensar em outras coisas para fazer em arquitetura. Foi uma tentativa de libertação da tecnocracia da África do Sul, que é muito motivada pela culpa. A relação da África do Sul com a arquitetura tem sido muito problemática, em parte por causa das desigualdades espaciais do Apartheid, mas também porque a maioria das pessoas que ensinam são Sul-Africanos brancos mais velhos, que passaram a maior parte das suas carreiras se refazendo à imagem dos arquitetos europeus e ocidentais, e a única maneira que eles conseguem "lidar", com a população africana, é na relação entre mais o mais esclarecido e o despejado, e eu não estava interessada nisso.

O que descobrimos nessa escola é que ter essa equipa, que era muito intuitivamente resistente, eles eram muito críticos, curiosos, corajosos e jovens. Mas não tinham experiência. Então, eu fui constantemente pressionada para orientar esse corpo docente mais jovem, que eram pessoas fantásticas. Tinha acabado de ganhar o prémio Serpentine do ano, pelos meus programas de ensino. Então, eu pedi demissão três vezes, porque estava a trabalhar dezoito horas por dia, sete dias por semana, era muito louco. Era eu que encomendava o papel higiênico, eu que ia para arrecadar fundos, e assim por diante. E não apenas por isso... No ano anterior, dois dos meus irmãos faleceram, com sete semanas de diferença um do outro, assim do nada. A minha irmã teve um ataque cardíaco, o meu irmão teve um derrame. Foi então que

percebi, se eu ficar aqui vou morrer. Pedi demissão em dezembro de 2018, e disse: "Vou dar um ano para vocês encontrarem um substituto". Como o nosso ano letivo lá, vai de fevereiro a novembro, pensei: se eu me demitir agora, não há ninguém para dirigir a escola... Por isso, dei-lhes um ano e eles não encontraram ninguém para me substituir. Assim, no final do ano, simplesmente disse: "lamento, adeus". E foi assim que vim aqui parar. A experiência foi incrivelmente poderosa, muito transformadora, e reconheço que foi uma abordagem muito ousada do plano curricular, que poderia produzir os resultados que desejávamos, mas era um projeto para uma vida. Então, essa é a história de como vim aqui parar.

Como é ser mulher, escritora, arquiteta e gestora, num mundo dominado por homens? Considera-se uma arquiteta africana?

É uma pergunta interessante. Eu cresci no Gana, na África Ocidental, morei lá até os dezoito anos. A minha mãe era Escocesa e o meu pai era Ganense. Fui para a universidade no exterior, como muitos, no Reino Unido. O meu pai vendia medicamentos na Escócia, foi onde ele conheceu minha mãe, mas a minha mãe partiu quando eu era muito jovem, então fui criada pelo meu pai. O meu pai foi sempre muito claro conosco: "Tu és Ganense. Sim, tens herança Escocesa, mas identifica-te antes de mais nada como Ganense". Quando alguém me perguntava: "Ei, de onde você é?", eu respondia: "sou do Gana". Quando você mora em África, dentro do continente, você entende que é negro, mas não é o principal mecanismo da sua identidade. A sua identidade é cultural, não é racial, porque todo mundo é negro. O meu pai, de certa forma, estava a tentar preparar-nos, os meus irmãos e eu, para o momento, caso fossemos para fora, passaríamos de repente, a ser definidos de forma diferente, racializada.

Na verdade, se você é do Gana ou da Nigéria, ou do Senegal, ou seja de onde for, não é que você não entenda o que significa ser negro, mas não é a maneira como você se descreve. Então, de uma forma estranha, aquela experiência de crescer no Gana, sabendo, por um lado, que era uma identidade muito, muito forte, sou Ganense, falo a língua, entendo a cultura, eu nasci lá. No minuto em que saio de lá, essa identidade se torna supérflua, porque ninguém sabe onde fica o Gana. Ninguém se importa. Então, passo a ser vista como negra, talvez como Africana, mas essas são categorias muito, muito amplas. E se você se interessa pelas disciplinas criativas, acho que a criatividade depende da especificidade, é muito difícil ser criativo de uma maneira geral, você precisa de algo com que trabalhar. Então, de alguma forma, essa atitude face à relação entre o universal e o específico sempre foi ambígua para mim. E, de

uma forma estranha, é também a forma como eu vejo o feminismo, porque sendo uma mulher africana, tenho uma relação com o patriarcado diferente do que teria se fosse ocidental no Gana. Meu pai era muçulmano e minha mãe judia, então, novamente, existem religiões desiguais.

Existem também diferenças subtis. Tenho 56 anos e posso ver no meu papel de líder, como gestora, que o meu gênero desempenha um papel, mas é simplesmente parte de muitas facetas minhas que desempenham um papel. Então, eu sempre fui um pouco relutante em me rotular como algo, porque entendo que esse rótulo também carrega ficção e ambiguidade, e eu realmente gosto da ambiguidade, como se a ambiguidade fosse mais poderosa. Para mim, não é um problema, então, não é um problema ser múltiplas coisas. Na verdade, gosto bastante disso, mas também reconheço que tem limitações, porque não se pode ser tudo para todos, em determinado momento. Temos que traçar os nossos próprios limites. A única coisa que eu diria é que essas fronteiras, ao longo das décadas, foram mudando.

Agora estou nos EUA, há cerca de sete semanas. Reconheço que existe em mim o carácter de uma mulher afro-americana com raiva. As pessoas percebem o que isso significa. Então, se fico impaciente numa reunião ou chocada com alguém, as reações são logo "Oh, você está sendo assim...". Mas, de certa forma, também significa que sei que surpreendo as pessoas. Elas estão, de alguma forma, à espera disso. Então, embora eu esteja aqui há sete semanas, é muito interessante ver esses dados de expectativa, confusão, o fato de que tenho que soar como uma afro-americana.., existem muitas ambiguidades a acontecer.

Quando se tem múltiplas experiências, de ser múltiplas pessoas em locais diferentes, acabamos por ser como que um tecido bastante complexo. Mas, curiosamente, também, sabemos que não devemos levar isto a sério. Portanto, de certa forma, é para mim também uma protecção. Eu compreendo que as reacções que recebo das pessoas nem sempre são pessoais, têm a ver com os estereótipos, ou seja, lá o que for. É muito mais tarde na vida, que ficamos num lugar bastante seguro para se estar. Penso que as pessoas pensariam que isso é inseguro. Eu acho que é o contrário. O truque é ficar distante o suficiente da situação, para que se possa olhar com objetividade, mas é preciso ser-se autêntico sobre isso. Mas, ao mesmo tempo, é preciso saber quando permitir que isso nos atinja profundamente, e quando não o deixar.



Qual o seu olhar sobre a sua aceitação ou rejeição, na sociedade ocidental e no mundo da arquitetura? Você considera-se uma exceção, num mundo racializado e dominado pelos homens?

Essa é uma questão pertinente. Ontem à noite estava em Chelsea e peguei um Uber para casa aqui no Harlem. Já era tarde, e o motorista era de Burkina Faso, que fica acima do Gana, ele virou numa esquina e um carro da polícia mandou-o parar.

Então, luzes de sirenes a piscar, fomos parados pela polícia. Demoraram provavelmente uns três, quatro minutos para chegar ao carro. Estou sentada no banco de trás a pensar: "O que está a acontecer?", e era uma rua escura, e eu ali: "Hum... será que este vai ser um desses momentos de violência policial racista?" Fiquei muito apreensiva. O agente aproxima-se do carro - ele era negro, afro-americano, e falou para o motorista. Então, o agente disse: "Você atravessou a rua, mas alguém estava a tentar atravessar e você ignorou a pessoa." O motorista disse que tinha a câmara de filmar ligada. Então, ele fica com uma câmara ligada o tempo todo no carro. É uma filmagem a 360°, então filma de lado. Imagino que os motoristas de Uber precisem disso. Depois o agente começa a falar para ele: "Eu entendo, eu não preciso ser agressivo." O agente está, obviamente, a falar uma espécie de linguagem que ele foi treinado para usar para manter a situação calma. E ele reconhece que, se um deles agir mal, a coisa pode correr muito mal. Então, o motorista está com a câmara, o policial com o manual dele e eles conversam. Eu percebi que: "OK, há algo muito complexo a acontecer aqui, que tem tudo a ver com poder, defesa e resistência. A razão pela qual estou a trazer isto é que o que costumava ser homens brancos mais velhos, agora tem gente mais jovem, diferente entrando nesse lugar de poder.

No Reino Unido, você administra essa tensão através da etiqueta, de uma certa maneira de falar uns com os outros, que é muito britânica. Então, a língua é sempre muito codificada. Você pode falar inglês de uma determinada maneira, há uma espécie de entendimento que todos nós sabemos o que estamos ali a fazer. Na África do Sul, é o oposto, não há uma linguagem compartilhada. A língua é a mesma, mas não existe uma linguagem comportamental compartilhada. Então, os dois ou três paradigmas dominantes na sociedade Sul-Africana são homens Africanos brancos, homens Africanos negros e homens Africanos Indianos e de cor, e cada um deles tem um sistema de valores diferente. Quando se está numa sala, na África do Sul, numa posição de liderança, no minuto em que há alguma tensão, todos se voltam para esses sistemas de valores. Os Africanos negros gritam, totalmente agressivos, para que você fique calada na reunião. Os Africanos brancos nunca falam nada na sua frente, mas

falam uns para os outros. As comunidades Indianas e de cor são muito defensivas. No minuto em que você ataca, há uma enorme parede. Então, na África do Sul, achei que gerir pessoas era exaustivo, porque a posição do gestor ou líder, ou qualquer outra coisa, é entender as diferentes linguagens de valores que estão a acontecer, mas em qualquer sala, há quatro ou cinco delas. Na África do Sul, eu voltava para casa no final de um dia de reuniões, em que não conseguia sequer falar. Para manter a autoridade e trazer as pessoas a bordo, não se pode simplesmente dizer: "Faça isso." Aqui nos EUA, estranhamente, é como um terceiro modo, em que todo mundo está ciente das tensões, tem um roteiro de respostas, mas não acreditam nele. Então, é muito interessante ter trabalhado nesses três locais diferentes.

Para mim, o interessante é que, se eu olhar para todos os reitores, porque há muitos reitores de escolas de arquitetura, um deles acabou de ser nomeado no ano passado, alguns chineses americanos, alguns asiáticos americanos, alguns brancos americanos. Acho que sou a primeira reitora afro-americana. A reitora de Harvard agora é uma mulher, em Cornell também. Existe uma crescente vaga de mulheres, mas somos todas muito diferentes. Por isso, quando as pessoas falam sobre reitoras, acho que, novamente, há essa tendência de supor que há algo ali que une como nós somos. Acho que ainda não sabemos o que isso é. Estamos a explorar, porque também há como descobrir essas coisas, à medida que vamos trabalhando nelas e ocupando esses lugares.

No Brasil, provavelmente como resultado do crescente poder dos movimentos sociais, movimentos negros e movimentos feministas, e feministas negras, muitos estudantes da UNILA e outras partes do Brasil, estão propondo projetos feministas anti-racistas e anti-capitalistas em Arquitetura e Urbanismo. Na sua opinião, o que poderia ser na prática, esse tipo de projeto? Como chegar a isso, em termos de carreira educacional, em termos de preparação para uma forma mais liberta e descolonial de praticar a arquitetura?

Eu estudei línguas, depois estudei sociologia e só depois formei-me em arquitetura. E no Reino Unido, é preciso voltar ao primeiro ano. Portanto, não me qualifiquei como arquiteta até os meus trinta e poucos anos. E uma das coisas realmente interessantes para mim, sobre a educação em arquitetura, foi que não apenas mudou a maneira como eu penso sobre todas as coisas, mas mudou a minha forma de pensar. E para mim, a arquitetura como disciplina, constituiu realmente uma série de ferramentas que me permitiram ver o mundo de maneiras peculiares. E se essas ferramentas



forem autênticas, refletem, de alguma forma, aquilo que eu entendia como valores, princípios, política - a psicologia política que carregou. Então, essas ferramentas ficaram comigo para o resto da minha vida. E não estou a falar da capacidade de desenhar uma pessoa... Talvez ferramentas que giram mais em torno da curiosidade, da empatia, da tradução. De certa forma, as minhas ferramentas já são descoloniais, já são transformadoras, já são resistentes, porque essa é a minha experiência no mundo.

A arquitetura é muito útil, num lugar peculiar como a Bartlett, porque me permitiu interpretar essas ferramentas através da minha própria experiência. Eu diria que o propósito da educação em arquitetura é estabelecer uma estrutura, na qual o universo estudantil seja capaz de traduzir as ferramentas aprendidas em ferramentas que sejam significativas para cada um em particular. Por isso, coisas como anti-racismo e anti-propriedade, anti-poder e práticas feministas, são paradigmas realmente interessantes em arquitetura, porque também versam sobre ferramentas - ferramentas para pensar o mundo de forma diferenciada.

Penso que, onde a educação em arquitetura tem falhado, é na exigência que faz aos estudantes para que deixem essas ferramentas para trás, particularmente as suas próprias experiências, e usem as ferramentas do cânone ocidental, oriundo de fontes muito, muito diferentes. Não estou com isto a dizer que estão erradas. Se você quer explicar a alguém como construir um edifício, as plantas e os cortes podem ser um mecanismo útil. Mas também vêm de uma história específica. Parece-me que essas práticas de que você fala são fenomenalmente úteis, porque mostram aos arquitetos como as pessoas em outras disciplinas usaram ferramentas diferenciadas para "desempacotar" a disciplina. Acho que a arquitetura é muito, muito insegura como disciplina, porque está constantemente à defesa.

Como vê o reconhecimento e a legitimação desses saberes subalternos, como o feminismo étnico, racial etc., diante da hegemonia ocidental e a universalidade da tradição elitista da educação em arquitetura?

A Escola de Pós-Graduação em Arquitetura é uma experimentação muito interessante, porque no Ocidente as questões de identidade, gênero são sempre colocadas como questões de minorias. Num lugar como a África do Sul, essas questões são a maioria. Portanto, demograficamente falando, é muito mais provável que você seja negra e mulher do que branco e homem.

Se um programa pedagógico curricular se abrir à interpretação do cânone ocidental, demograficamente falando, terá muitos mais alunos, fisicamente. Estou muito mais interessada em desconstruir o cânone, do que os estudantes estão em segui-lo. É uma espécie de economia de escala, de uma forma estranha. Depois de quatro ou cinco anos de, literalmente, abrir esse currículo à sua interpretação, o que descobrimos foi que os alunos estavam muito à frente dos professores, muito além. A habilidade deles em traduzir esse cânone, estende-se à capacidade de traduzir muitos, muitos outros aspectos das suas vidas. Você sabe que não há um único Africano vivo que não fale mais de uma língua. Fala português e outra língua africana, fala francês, fala inglês, fala... A gente em África só traduz, o dia todo. Então, de alguma forma, quando se traz a disciplina de arquitetura para estes estudantes Africanos, com esta ênfase, as coisas que produzem são incríveis. Eu dei aulas o tempo todo que fiquei lá, gosto muito de dar aulas. Enquanto eu estava a trabalhar com os alunos, eu arrepiava-me "Como é que eles podem pensar nisto?". O estudante é *agência*. Para mim, não havia nada mais poderoso do que estabelecer a estrutura para que eles reivindicassem o seu próprio arbítrio. Acho que muitas escolas tentam ser a *agência*.

Por exemplo: o que eu sei sobre a vida de uma mulher africana de 38 anos? Nada. Sei que existem certas áreas que consigo imaginar, mas não posso falar por elas. Mesmo geracionalmente. Eu via os meus alunos e olhava para os desenhos deles, e dizia para mim mesma: "Eu nem entendo como esse desenho foi feito." Na minha época, era o esboço, a cor, a montagem, eu tinha uma espécie de vocabulário. Quando a gente conversa com alunos dessa idade, sobre escala e proporção, para eles existe uma rede. Eles não pensam em termos de um em cem, um em duzentos, porque não faz sentido. E porque eu acho que, particularmente na educação em arquitetura, temos uma mão cheia de educadores que têm mais ou menos a minha idade, cinquenta, quarenta, não sei exatamente o que aconteceu, mas não há tantos professores com trinta e quarenta anos. De repente, há este enorme corpo docente de vinte e poucos anos emergindo... passou de um paradigma para outro, e todos nós estamos a trabalhar para descobrir como atravessar esse vazio. Então, na verdade, antes de vir para cá, eu estava a escrever uma entrevista para o Sunday Times, sobre as pessoas que ganharam o Pavilhão Serpentine, que foram meus colegas de ensino. Então, eu tive uma espécie de papel de mentora com eles, e foram muito úteis também, porque são da mesma idade, mais ou menos, que os alunos, até serem capazes de traduzir o que eu sabia para uma linguagem que fizesse sentido para os alunos. É por isso que a parceria de ensino foi tão bem sucedida. Mas em muitos lugares fico nervosa com



esse tipo de relacionamento. Então, estou a trazer as mesmas mudanças de currículo que fiz na África do Sul para Spitzer, e isso vai ser muito interessante.

O que você almeja de 2020 em diante na Spitzer School of Architecture? Quais são suas prioridades, estratégias e metodologias em termos de abordagem sobre os problemas de raça, gênero, aumento da segregação espacial e crise ecológica na educação arquitetônica?

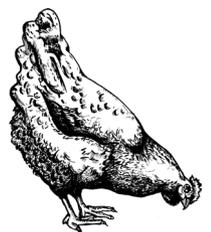
Nos últimos quatro, cinco anos, temos vindo a trabalhar, em notícias com pessoas, em torno desta ideia de uma pedagogia transformadora, ou seja, que a educação no seu melhor é uma forma de transformar o mundo, não é apenas uma forma de pensar sobre ele. E o que eu penso que é interessante na arquitectura é, como disciplina, que é sempre propositiva. Não se pode apenas criticar. Portanto, o que estou interessada em fazer aqui é levar este método de pensar a contextos diferentes. No entanto, os estudantes que aqui estão são diferentes dos estudantes de Joanesburgo. São estudantes imigrantes de primeira geração, temos muitos indocumentados. Esta é a única escola pública de arquitetura, e ao contrário dos estudantes que vão para Columbia e Yale, onde pagam cem mil dólares por ano, os nossos estudantes pagam sete ou oito mil. O lugar onde não se pode experimentar, porque os desafios não são tão altos. Quando se paga esse tipo de dinheiro por uma educação, quer ter-se a certeza de que se está a obter o valor do dinheiro, e se "valor do dinheiro" é uma forma específica de pensar, para mudar isso é difícil. Na nossa situação, é um pouco diferente. Há um fluxo de estudantes que entram no City College, que querem e precisam arranjar trabalho, querem ganhar dinheiro. A minha atitude é: "Ótimo! Se é isso que um estudante que entra quer, ótimo"! Nós fornecemos uma educação realmente forte e sólida, para que eles possam fazer isso. De alguma forma, sinto que não me compete dizer aos estudantes o que eles devem ser.

Mas em cada cem estudantes que entram na Spitzer, dez por cento, com sorte, seguirá a fazer trabalhos excepcionais, coisas que nem sequer imaginávamos que pudessem fazer quando entraram. Esses dez por cento, particularmente agora, neste momento político, são incrivelmente poderosos, porque as mudanças que eles e elas querem fazer, estão ligadas com quem são. Portanto, estas são mudanças em torno da pobreza, da injustiça, da ecologia, de todas as coisas que os vinte e poucos anos de idade consideram pertinentes para as suas vidas. Vejo o meu papel na Spitzer a fazer uma espécie de ambiente onde se um estudante entra e quer mudar as coisas a partir desse contexto, ele ou ela, pode fazê-lo. Este tipo de trabalho para mim, educa-

tivamente falando, é transformador. Os jovens suburbanos privilegiados que estudam em Columbia, e eu vejo isso a toda a hora, vêm e falam em ir a África para construir e ajudar os pobres e... Sabem que mais? Está bem, não vou dizer: "não o faça". Então, no minuto em que chega e diz-me que quer construir casas de banho na Tanzânia, já consigo situar-me. Mas se é daqui e diz que quer fazer algo no Harlem, é uma situação mais complexa, porque é muito mais difícil fazer o bem quando você está implicado.

Para mim, a oportunidade de pensar sobre este tipo de questões perto de casa é muito significativa. Mas, esta é a minha experiência na África do Sul, às vezes, para resolver um problema, a forma mais criativa é manter a distância ou contorná-lo. Nem sempre é ir direto ao assunto. Então, um dos motivos pelos quais a mudança curricular é muito importante para mim é que, no sistema de unidades, pode-se ter alunos a trabalhar por até dois anos, em temas específicos. O sistema semestral, que é o das treze semanas, começa com uma ideia interessante, e, de repente, eles já estão fora deste prédio. Assim, estamos a mudar para ateliers de projeto com a duração de um ano. Estamos também a mudar para duas faculdades que ensinam sempre juntas. Por isso, existe um diálogo entre as pessoas que ensinam. Cada unidade curricular terá de doze a quinze alunos e o/a líder da unidade. A faculdade tem de propor algo que valha a pena investigar. E isso tem trazido muito bons resultados. Tenho estado a falar agora com o corpo docente: "Então, se tiveres de gerir uma unidade, o que propões?" Depois, começam a contar-me sobre o livro ou o capítulo que estão a escrever... E eu: "Não é isso. O que é que você quer fazer em arquitetura?" E para muitos docentes, esta é uma pergunta que ninguém jamais lhes fez. Na verdade, parte do meu trabalho é levar o corpo docente a uma posição em que tenha confiança o suficiente para declarar: "É nisto que estou verdadeiramente interessado/a". E isso vai ser muito difícil. As pessoas simplesmente fazem o que lhes foi ensinado. A gente replica o que sabe. E eu disse-lhes: "Sabem, durante três meses, estaremos em fase de consulta". Não vou planear tudo até ter ouvido todas as pessoas. Portanto, tem sido um processo de fazer com que as pessoas tenham confiança suficiente para vir e falar. São pessoas que têm estado sem liderança durante cinco anos, então, estão todos a brigar uns com os outros. Eu até trouxe para a faculdade um terapeuta organizacional, porque não me compete a mim ser terapeuta. É lento, mas está a funcionar. As pessoas têm de perceber que a educação em arquitetura não é um dado adquirido.

Por isso, a minha abordagem é mais baseada na *cultura*. *Cultura* é uma palavra bastante complexa na língua inglesa. Mas eu vejo todos eles, os paradigmas que compõem alguém com a língua que fala, os lugares em que vivem, o passado que



têm... o pano de fundo que todos temos. Essas questões para mim, constituem culturas individuais. E esses mundos interseccionam-se de maneiras diferentes, e isso constitui "a cultura de um lugar". Penso que Nova Iorque é um lugar muito interessante, porque é muito diverso. Mas se perguntar a alguém o que a Spitzer tem de especial, todas as pessoas vão dizer: "Oh! Os alunos são tão diversos." Eu digo: "Ok, essa é a pedagogia da Spitzer."

Assim, qual será slogan ou *modus operandi* da Spitzer, daqui a uns anos, da sua transformação na educação em arquitetura?

Eu diria que é "transformador", sobretudo ao nível da disciplina, porque acho que o mundo da prática profissional que muitos desses alunos vão entrar, não é o que era há dez ou quinze anos atrás. O mundo é fluido, é indeterminado, e muitos deles sairão daqui, sairão de Nova Iorque. Quer dizer, não podemos prever o que eles farão. Então, para mim, o trabalho não é ensinar a detalhar uma maçaneta, porque, daqui a cinco anos, pode até nem mais existir. O importante é ensiná-los a pensar, para que se possam adaptar, explorar, envolver com condições complexas e inesperadas. Penso que tem havido uma compreensão do currículo, que é definido e é herdado. Que no primeiro ano fazes estruturas, no segundo ano ... por aí fora. Como um dos docentes me dizia no outro dia: "Quer jogar o pré-cálculo fora?", Eu disse: "Sim! O que é que o cálculo faz aqui? ", "Hum! Você não pode fazer isso! É preciso ter mais cálculo." Não quero com isto dizer que não seja importante, mas "o que acha da maneira como ensina isso? E a fragmentação do currículo em estruturas, tectónica, local ...".

Os alunos chegam e dizem: "Este semestre vou fazer esta disciplina e esta..." Não é algo que você vai ao supermercado e compra. Os alunos estão na Escola de Arquitectura, estão passando por um momento especial, intelectual e criativo. Não entendem isso. Pelo que eu consigo entender, significa que é muito fácil passar a bola. Então, se você tem um aluno que falha em alguma coisa: "Bom, quem ensinou antes não ensinou bem." Assim ninguém se responsabiliza. Na entrevista que dei sobre o sistema de unidades curriculares, disse assim: "Se você é um mau professor, vai se ver imediatamente." E é disso que a maioria das pessoas tem medo.

É por isso que precisa de uma equipa unida e de confiança. Prevê algum envolvimento com comunidades de base, movimentos sociais? Qual é a sua abordagem sobre arquitetura paisagista?

Temos muitas coisas interessantes. Temos algo no Spitzer chamado *Bond Center*, o *Max Bond Center for Urban Futures*, que é uma instituição realmente interessante, localizada dentro da escola, mas é uma espécie de organização separada. Faz parte do sistema, mas é uma instituição que é, basicamente, criada para analisar a relação entre a Escola de Arquitectura e a comunidade do Harlem. A pessoa que a dirige é um arquiteto, que também tem um passado em *Big Data*. Estou realmente interessada no tipo de instituições que podem querer sustentar a capacidade e a ecologia, que trabalham tanto como institutos de investigação como de ensino, dentro da escola. É como um grupo de estudos, mas que também gere unidades curriculares. Assim, os estudantes que estão na Escola de Arquitectura também têm a oportunidade de trabalhar em projetos específicos que têm exigências diferentes, para além do exame na ordem, o registo profissional. Considero essas oportunidades, realmente interessantes. São os veículos pelos quais estudantes e professores se envolvem, quer se trate do projeto de um edifício na Guatemala, ou a remodelação de uma igreja no Harlem, ou um projeto participativo com crianças. Quaisquer que sejam esses projetos, quero ter certeza de que a estrutura para trabalhar neles, é sustentável. O que eu não quero que aconteça, e que vejo em muitas escolas, é que os estudantes têm a grande ideia: "Agora vou trabalhar com migrantes no México", metem-se num avião, vão para o México e depois constroem um abrigo. Portanto, quero diferentes tipos de resultados para esse tipo de compromissos, em vez de forçar estas questões a conformar-se com o currículo arquitectónico: "Agora é preciso construir um edifício sem barreiras físicas", conduzir a disciplina a empenhar-se de forma diferente. Assim, através dessas instituições, podemos vir a descobrir, por exemplo, que um/a arquitecto/a - activista é alguém para quem o currículo em arquitetura é também psicologia, antropologia, sociologia, design, teoria, etc., como se tivesse uma composição diferente.

O mais importante para mim, é que o currículo é um problema de design. Como você projeta algo que é forte o suficiente como uma estrutura, mas é aberto o suficiente para mudanças? Não conheço nada que faça isso melhor do que o sistema de unidades. Já existe há quarenta anos, funciona bem. Então, as pessoas pensam que estou a inventar. Não é isso, não estou inventando nada. Isso existe.

A arquitetura tem sido historicamente uma ferramenta bastante eficaz para a dominação social, ambiental, espacial e epistêmica - o que é necessário para uma descolonização da arquitetura, entendida aqui tanto como ambientes construídos, quanto não construídos? Como podemos reverter e até mesmo curar as feridas sociais e naturais da violência estrutural e histórica da modernidade colonial, patriarcal e capitalista?

Essa é uma grande pergunta, mas acho que vou respondê-la de uma forma muito, muito curta. Acho que o termo "arquiteto/a" está protegido por lei, você não se pode chamar arquiteto/a, a não ser que tenha cumprido certos requisitos legais. Mas a palavra "arquitetura" não tem proteção legal. Interesse-me em fazer arquitetura, estou menos interessada em produzir arquitetos. Então, para mim, a mudança tem a ver com disciplina, não tem a ver com profissão. A profissão existe para outra gestão de risco legal, capitalista, qualquer que sejam as razões. Para lutar contra isso, é exaustivo. Eu prefiro abrir a arquitetura, porque ao abrir a disciplina, acho que se vai, no final de contas, mudar a profissão. Não me parece que se consegue mudar a disciplina mudando a profissão.

Não sei exatamente quais são os valores ao certo. Algumas pessoas dizem que noventa e nove por cento do mundo é construído sem arquitectos. Assim, noventa e cinco por cento do ambiente construído mantém-se de pé. As pessoas ainda vivem, ainda vão trabalhar, vivem as suas vidas em ambientes que nenhum arquiteto jamais viu. Isso é altamente sofisticado! Será necessariamente o ideal? Não sei. Penso que há uma escala da qual o assentamento humano se torna complexo e desafiante, e se for deixado inteiramente auto-organizado, funciona. Será que florescerá? Não sei. E eu penso que as condições são muito variáveis. Por exemplo, quando eu trabalhava na África do Sul, toda a gente falava de *informalidade*. Vivi durante dezoito anos da minha vida na informalidade, só não sabia que se chamava *informalidade*. Mas o poder da arquitetura em rotular e construir uma base de conhecimentos em torno da *informalidade* é enorme. Todas as escolas de arquitetura, estão a lidar com *informalidade*. A arquitectura nomeia algo, e depois, torna-se isso. O currículo aborda-o, a terminologia fala com ele.

O que eu disse anteriormente, mudou tudo sobre a forma como eu penso. Pode ser positivo, mas também pode mudar de forma negativa. Verifiquei que, para muitos estudantes Sul-Africanos, começou a mudar de forma negativa. Começaram a olhar para as suas próprias práticas como problemas que precisavam de ser resolvidos!... Não encararam as suas próprias práticas como simplesmente a forma como vivem.

Então, o truque, de certa forma, para a disciplina de arquitetura tanto é uma questão de *escala* - o quanto se intervém, o quanto é permitido que as condições com as quais se trabalha também dialoguem. Essa relação entre problema e solução, é muito mais complexa do que nós gostaríamos. Existe uma parte da arquitetura que é muito "científica". Aqui é que está o problema: a ciência é uma solução que vai resolver o problema. Mas acho que isso é um falso paradigma.

Penso que o desafio urbano é realmente interessante, porque amplifica as nossas condições. Amplifica as consequências. Assim, se eu entrar, digamos, em certas partes da cidade de Acra, e vejo que surgiu um assentamento informal (seja lá como lhe queiram chamar) e é formado por migrantes que vieram do Norte do Gana, que podem ter entre si ligações de parentesco e redes de relacionamento. Por isso, quando alguém chega à cidade à procura de trabalho, instala-se, entra em contacto uns com os outros. Mas trazem práticas. Trabalham num assentamento comunitário de uma centena, duas centenas de pessoas. À escala de duzentas mil pessoas, os mecanismos pelos quais se auto-gerem tornam-se mecanismos diferentes. Portanto, independentemente do que me disserem sobre a resiliência da informalidade, a incapacidade de lidar com os esgotos, porque não têm a agência para lidar com eles, significa que o seu filho vai morrer. Podem dizer-me o que quiserem sobre a capacidade deste grupo para se auto-gerir, sim, com duzentas pessoas, com problemas, mas com duzentas mil, não. Arquitetos urbanistas, particularmente no chamado "mundo em desenvolvimento", entram nessas situações com medo de chamar aquilo que vêem, mas incapazes de pensar de outra forma, de pensar sobre a questão, a não ser no sistema de gestão de cima para baixo ou no paradigma da organização de base, que é quem tem a culpa. Por vezes, quando vejo o trabalho de outras universidades na África do Sul, os estudantes vão fazer mapeamentos. Vão lá e cartografam. Mais ou menos o mesmo diagrama, mapeando tudo, desde um carro a uma pessoa, enfim. Digo eu: "O que se está a descobrir quando se cartografa?" Mas a questão aqui é que eles não têm outra forma de, diretamente, ver. Portanto, quando falo sobre a ferramenta, o mapa é a ferramenta errada. Não é o facto de os estudantes estarem a entrar nesse ciclo, é no que estão a entrar para ver, é a questão.

Quero com isto dizer que as pessoas, as hierarquias sociais, as práticas sociais e a forma como o conhecimento é organizado costuma estar relacionado com o nível da experiência. Mas estes sistemas de compreensão não vêm do nada. Vêm de uma história, vêm de contatos, vêm da geografia, vêm da relação com o meio ambiente, vêm da relação que você tem com os seus vizinhos. Em noventa e nove por cento

das línguas Africanas, não existe uma palavra para *público*. Existe uma palavra para alguém que você não conhece, mas o sentido público, aí está, não existe. Portanto, se retirássemos as palavras *público* e *privado* da linguagem arquitetônica, ficaríamos sem nada. A arquitetura assenta na relação entre o público e o privado. Então, como disciplina, entramos num contexto de quase um bilhão de pessoas que não têm uma palavra para aquilo em que sua disciplina se fundamenta!...

Como se faz isso? Para mim, não é apenas uma questão de escala, é uma questão epistemológica. Estas coisas são profundas. Se disser a alguém: "Você, homem A, ela é a mulher B, vocês formam uma parceria, não vamos chamá-la casamento, ela não é sua esposa, você não é marido dela, você produz uma criança. Qual é a estrutura social em que se cria essa criança? Achamos que isso é casamento?" Mas essa instituição, o casamento, tem múltiplos significados. Existem múltiplos ambientes, múltiplas construções, múltiplos meios para ser um cunhado. Na minha cultura, não temos a palavra "cunhado/a", porque o casamento não é uma coisa legal. Portanto, mesmo a linguagem que descrevemos um ao outro, nas nossas relações, não é uma linguagem universal. Penso que a arquitetura acredita que tem uma linguagem universal.

Penso que as questões de clima, de gênero, de identidade, de globalização, agora estão a chegar de forma tão rápida. Há cinco, dez anos, talvez se falasse em sustentabilidade, mas ninguémalaria em crise climática. Quinze anos atrás, se quisesse ter uma discussão sobre raça e arquitetura, falavam para você ir para o Departamento de Sociologia! Essas questões não estavam no discurso. Acho que o que está a acontecer é a velocidade com que entram para a disciplina de arquitetura, não para a profissão, e a disciplina não sabe como reagir. Falamos sobre escala ou falamos sobre tecnologia ou algo assim. É algo essencialmente gráfico. A disciplina de arquitetura não sabe falar essas questões. Então, para mim, de certa forma, somos menos científicos do que pensamos. Não conseguimos ver com clareza que há um problema e apresentar soluções. A escola deve ser um lugar onde exploramos e experimentamos como fazê-lo. Se a escola não for o espaço protegido o suficiente para permitir que esse processo exploratório aconteça, daqui a cinquenta anos, estaremos a dizer as mesmas coisas. Todo mundo na África do Sul pode pensar: "O que é arquitetura Africana? Você sabe? Mostre-me. O que é?", e eu diria: "Isso não é uma pergunta." Porque é muito cedo para dizer o que é. Tem que se desenvolver. E se a escola de arquitetura não pode ser o lugar que permita crescer e evoluir, para que servirá a escola? Qual é o propósito da escola?

Dada a atual turbulência sobre as migrações forçadas, os conflitos armados, socio-ambientais e políticos, e perante esta virada política da direita radical em todo o mundo, qual é o papel da arquitetura? Qual é o papel da profissão? Será apenas para continuar refém do mercado?

Nesse sentido, eu diria o seguinte: a escola de arquitetura é mais importante agora do que nunca. Se você se aliar ao poder que a profissão tem, pode ter um poder enorme! O poder para mudar a maneira como interagimos, a maneira como nos comportamos, a maneira como pensamos. Se você aliar a esse poder com o desejo de dizer algo diferente, e isso está vindo deste grupo de estudantes no Harlem, não dos estudantes que estão vindo da China para ir para a Columbia e pagar cem mil dólares. Esses não são os alunos que você quer dar poder para falar. São estes alunos, alunos de lugares como a Spitzer, Joanesburgo, Tanzânia... São esses alunos que têm algo a dizer. Historicamente, estas pessoas nunca tiveram voz, o seu trabalho sempre foi o de herdar a voz de outra pessoa e, então, aprender a falar essa voz. Acho que agora esse equilíbrio mudou e o único lugar que julgo que pode proteger o espaço por tempo suficiente para que essa voz se torne autêntica, é a escola. Então, para mim, as escolas, neste momento, são a estratégia chave para a mudança. Se olharmos para o continente Africano nos anos cinquenta e sessenta, no momento das independências, a educação era o campo de batalha. Não é isso que se passa aqui como educação, mas o que estamos fazendo no Spitzer é treinamento.

Mas não é fácil mudar de um dia para o outro. Qual é a sua expectativa dessa mudança como reitora da Spitzer? Porque você está a lidar com um corpo docente que está aqui há muito tempo, provavelmente com convencionalismos e tradições profundamente enraizadas.

É verdade, mas a mudança em Joanesburgo foi rápida. Eu não esperava que fosse tão rápido, sabe? Quando cheguei lá, pensei: "Este vai ser um projeto de vinte anos." Acho que dentro de três anos, já se poderia ver isso. Eu não acho que demore tanto. Penso que provavelmente a mídia social tenha ajudado, mas também movimentos sociais. Parece-me que os mais jovens têm um maior sentido do seu próprio poder. Há dez anos atrás, isso teria sido quase impossível de conceitualizar. Isso é o que é difícil sobre o equilíbrio entre experiência e energia. Eu estava a conversar com alguém em Londres, ela até vai cá vir dentro de duas semanas, vamos lançar um livro para um projeto chamado *Breaking Ground*, que é sobre mulheres na arquitetura, e o simpósio chamava-se *Difficult Women or Good Girls*, e vamos começar a falar sobre ativismo ... Eu estava a dizer-lhe que desde que fiz 55 anos, na minha família, no Gana, as pessoas

às vezes referem-se a mim como sábia, e isso não é algo que se ouviria de alguém descrever alguém que tem 30 anos.

Sabedoria é algo que vem com a idade, mas não é conhecimento e não é inteligência. É uma estranha combinação de maturidade, experiência, fracasso ... Há uma razão pela qual você pensa na sabedoria como algo que acontece depois, porque é algo complexo, que não se adquire. De alguma forma temos que vivê-la. E isso para mim foi um elogio enorme, porque estou acostumada a ouvir: "Ah, você é inteligente", esse tipo de comentário. Mas para alguém dizer: "Oh, eu acho que você é sábia", confesso que me surpreendi com o quão tocada fiquei. De certa forma, é meio aquilo que quero transmitir ao corpo docente, aqui, é que o trabalho do acadêmico mais velho não é simplesmente passar o conhecimento, mas transmiti-lo de maneira sábia, o que também significa algo sobre compreender onde se encontram. Portanto, não acho que os professores mais antigos não tenham nada a dizer. Parece-me que têm coisas interessantes a dizer, mas acho que não podem dizê-las da forma como tem sido historicamente dita, em que: "Aqui está o quadro-negro. Aqui está minha fórmula. Venha aqui." Este é o grande desafio.

Aqui, penso que o termo *generosidade* é um valor que tem sido tão subestimado. Se uma instituição tem generosidade na forma como faz a sua gestão, isso pode encorajar uma cultura de generosidades. Como atualmente estamos, as instituições não passam de uma coleção de pessoas, que têm de trabalhar em conjunto. Depois das cinco horas vai cada um para seu lado... Depois, há coisas muito parvas, como, por exemplo, não termos um bar! Não conheço nenhuma boa escola de arquitetura que não tenha um bar! [risos]

Notas

1 (Nota dos editores [N.E.]): Esta entrevista foi escrita no português de Portugal. Os editores decidiram acolher neste dossiê as múltiplas grafias da língua portuguesa, conforme é escrita em cada um dos países lusófonos.

2 (Nota da Entrevistadora [N. Ent.]) Faculdade de Arquitetura da Bartlett, University College London, onde Lesley estudou arquitetura.

